

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE O SOM DO RUGIDO DA ONÇA DE MICHELINY VERUNSCHK

Solange Regina da Silva¹
Isabela Lapa Silva²

RESUMO

Na contemporaneidade a Literatura tem cumprido um papel importante ao investigar as lacunas deixadas pela História oficial, sendo cada vez mais estudadas as relações que esses dois campos têm desenvolvido nas narrativas. Este artigo pretende analisar a obra *O som do rugido da onça* (2021) de Micheline Verunschck, considerando, principalmente, os diálogos entre História, Literatura e memória. Nesse sentido, são expostas as marcas deixadas pela colonização a partir da reconstrução de um episódio ocorrido no século XIX, quando os viajantes Johann Spix e Carl Martius sequestram, em meio a espécies da fauna e flora, um grupo de crianças indígenas, levando-as até a Alemanha. As duas crianças sobreviventes, nomeadas como Iñe-e e Juri, das quais se tem registro visual, servem de mote para a criação desse romance polifônico e rico em discussões. Desse modo, evidencia-se a riqueza dessa narrativa que suscita questões fundamentais do passado do Brasil que repercutem na atualidade.

Palavras-chave: história; literatura; memória; colonização.

REMEMBER, CREATE AND RESIST: AN ANALYSES OF O SOM DO RUGIDO DA ONÇA BY MICHELINY VERUNSCHK

ABSTRACT: In contemporary times, Literature has played an important role in investigating the gaps left by official History, with the relationships that these two fields have developed in narratives being increasingly studied. This article intends to analyze the book *O som do rugido da onça* (2021) by Micheline Verunschck, considering mainly the dialogues between History, Literature, and memory. In this sense, the marks left by colonization are exposed based on the reconstruction of an episode that occurred in the 19th century, when the travelers Johann Spix and Carl Martius kidnapped, among species of fauna and flora, a group of indigenous children, taking them up to Germany. The two surviving children, named Iñe-e and Juri, of whom there is a visual record, serve as a motto for the polyphonic novel creation, rich in discussions. Thus, we highlight the richness of this narrative, which raises fundamental questions about Brazil's past that reverberate today.

Keywords: history; literature; memory; colonization.

¹ Doutoranda de Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada à linha de pesquisa Perspectivas Culturais, Pós-coloniais e Decoloniais; e-mail: sol.silva.es@gmail.com.

² Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada à linha de pesquisa Literatura, Sociedade e Memória; e-mail: isa_bela.lapa@hotmail.com. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p.xxxxxx, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

RECORDAR, CRIAR Y RESISTIR: UN ANÁLISIS DE O SOM DO RUGIDO DA ONÇA DE MICHELINY VERUNSCHK

RESUMEN

En la contemporaneidad, la Literatura cumplió un papel importante indagando los vacíos dejados por la Historia oficial, siendo cada vez más estudiadas las relaciones que estos dos campos desarrollaron en las narrativas. Este artículo pretende analizar la obra *O som do rugido da onça* (2021) de Micheline Verunschck, considerando, principalmente, los diálogos entre Historia, Literatura y memoria. Así, se exponen huellas dejadas por la colonización a partir de la reconstrucción de un episodio ocurrido en el siglo XIX, cuando los viajeros Johann Spix y Carl Martius secuestraron, entre especies de fauna y flora, a un grupo de niños indígenas, llevándolos hasta Alemania. Los dos niños supervivientes, Iñe-e y Juri, de los que se tiene registro visual, sirven de lema para la creación de esta novela polifónica, rica en discusiones. Destacamos la riqueza de esta narrativa, que plantea interrogantes fundamentales sobre el pasado de Brasil que repercuten en la actualidad.

Palabras clave: historia; literatura; memoria; colonialización.

Introdução

Neste artigo será analisado o livro *O som do rugido da onça* (2021), da escritora e historiadora pernambucana Micheline Verunschck, discutindo sobretudo como são trabalhadas as fronteiras entre literatura, história e memória nesta obra. Esse é o quinto romance da autora, agraciado com o Prêmio Jabuti de 2022 e com o Prêmio Oceanos do mesmo ano, este em terceiro lugar. O livro nasce de uma inquietação de Verunschck, como ela conta em entrevista para Tomaz Amorim Izabel, correspondente do *Jornal Rascunho*. Ao visitar uma exposição sobre os 500 anos da História do Brasil, no Itaú Cultural de São Paulo, ela se deparou com as litografias de duas crianças indígenas sequestradas por dois cientistas alemães, no século XIX, expostas como espécimes exóticas da fauna e da flora brasileira à época. Isso a assombrou e a fez pesquisar mais sobre esse episódio violento do período colonial, recorrendo a diferentes fontes e a uma rede de amigos e conhecidos para mergulhar nessa rede de memórias, saberes diversos e traumas coletivos, de forma ética, crítica e reflexiva.³

Assim, a autora parte desse rapto e das rasuras que encontra nessa história contada apenas pela visão dos viajantes europeus que levaram as crianças — Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius — para construir seu romance. Esses dois cientistas alemães viajavam em busca de conhecimentos como meio de mapear, documentar e catalogar

³ IZABEL, Tomaz Amorim. “Precisamos de ruptura”. Entrevistado: Micheline Verunschck. *Jornal Rascunho*, São Paulo, ed. 253, maio de 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/precisamos-de-rupturas/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

informações sobre o “Novo Mundo”, para as Cortes coloniais. No caso especificamente abordado no livro de Verunschck, Spix e Martius, ao retornarem à Europa, além de objetos, espécies de plantas e animais, também levaram um grupo de crianças indígenas para “pesquisa” e “deslumbramento” dos nobres da monarquia da Baviera. Os argumentos para tal ato se pautam na lógica colonial, com fins de “investigação”, “espetáculo” e “resgate” — isso tudo do ponto de vista dos europeus colonizadores, claro. Do grupo levado, só duas crianças sobreviveram, que são justamente as personagens tomadas como narradoras no livro *O som do rugido da onça*, nomeadas como Iñe-e, da etnia Miranha, e Juri, da etnia Juri, e que nos documentos históricos surgem com seus nomes de batismo Isabella e Johann.

Essas crianças indígenas existiram, ficaram esquecidas, e, como constatado pela escritora, há várias lacunas sobre quem foram, o que sofreram; suas vozes foram suplantadas pelas vozes daqueles que as levaram. Verunschck constrói, desse modo, um romance polifônico, criando um espaço em que não só as crianças possam mostrar o seu lado da história, mas também contrapor as visões coloniais dos viajantes, até mesmo citações de textos históricos, com outras perspectivas. Há, por exemplo, a perspectiva do rio Isar, que conta a passagem do tempo a partir dessa memória aquosa; as percepções da rainha Karolina Friedrike Wilhelmine von Baden, esposa do rei Maximiliano I, que patrocinou a viagem dos cientistas ao Brasil; e também a personagem Josefa, que, num presente muito próximo ao que vivemos hoje, entra em contato com a história de Iñe-e Juri num museu — em experiência semelhante a vivenciada por Verunschck — e passa a refletir sobre suas próprias origens. Além disso, a cosmovisão indígena é trabalhada como um exercício de alteridade em relação aos problemas que aos povos originários enfrentaram e enfrentam até hoje.

Como visto, a obra suscita vários debates, e nasce de um diálogo criativo a partir dos fragmentos de memória das crianças indígenas raptadas. Dividido em três partes, acompanhamos um ir e vir entre tempo e espaços, enfocando diferentes aspectos de um mesmo acontecimento e seus desdobramentos. Nesse sentido, a autora promove, com seu romance, várias reflexões em torno das origens violentas do Brasil, o descaso com as memórias e os saberes daqueles que foram escravizados, dizimados, apagados e que resistem até os dias atuais — e que são, também, nossas memórias, enquanto coletividade. É nesse sentido que trazemos intelectuais e teóricos que vão pensar as relações da ficção com a História, bem como o impacto do coletivo no ato de lembrar e conhecer as nossas origens, encarando os fantasmas do passado a partir de perspectivas decoloniais. Alguns nomes são: Maurice Halbwachs (1990); Pierre Nora (1993); Peter Burke (2006; 1992); Hayden White (2001); Mary Louise Pratt (1999), Ailton

Krenack (2020); entre outros. Com *O Som do rugido da onça*, podemos acessar as vozes abafadas, com toda a força da simbologia da onça para o povo Miranha. O livro figura como um grito de resistência, um trabalho de reconstrução e um exercício de alteridade promovido por Verunschik no diálogo das personagens que emergem da trama desse romance.

1 Relações entre a Literatura e a História

Para nos aprofundarmos na análise da obra *O som do rugido da onça*, de Micheline Verunschik, partimos de uma discussão a respeito da relação entre História e ficção. Esse diálogo é fruto de diferentes convenções em torno daquilo que se entende a respeito dessas áreas do saber. Assim, as peculiaridades e objetos de estudos de cada campo transformam-se, pois há mudanças nas concepções do que é o fazer histórico e do que é o fazer literário, e as fronteiras podem ser mais cerradas ou mais fluidas. Isso se reflete nas criações artísticas, sobretudo naquelas que dialogam com ambas as áreas de conhecimento. No contemporâneo, século XXI, é comum obras que, ainda que nasçam no campo da ficção, sejam também relevantes do ponto de vista histórico, sobretudo considerando os debates públicos em torno das histórias nacionais oficiais, permeada por entendimentos políticos e ideológicos sobre o passado e uma determinada narrativa de povo e de identidade alinhada.

Nos tempos modernos, novos entendimentos sobre o papel do historiador, a História e o fazer histórico redefiniram os caminhos dessas relações. Peter Burke⁴ destaca o marco da chamada Nova História (*Nouvelle Histoire*), associada a *Revista Annales*, com March Bloch e Lucien Lebre, na primeira metade do século XX. Até então, entendia-se a História como objetiva, factual, restrita a figuras de poder, documentos oficiais e escritos e focada apenas nos acontecimentos. A nova abordagem segue na contramão dessas características, amplia a própria definição de História, dialogando com outras áreas do saber, incluindo novas fontes históricas, novas áreas de interesse. Em outras palavras, a Nova História surge como um lembrete de que a História tradicional era “uma dentre várias abordagens possíveis do passado”⁵.

Somando a esses debates, o historiador norte-americano Hayden⁶ estabeleceu uma importante discussão em torno do discurso histórico. Como ele reforça, “podemos conferir sentido a um conjunto de acontecimentos de muitas formas diferentes”. Sendo assim, os valores

⁴ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 7-37.

⁵ BURKE, 1992, p. 10.

⁶ WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 97-118. p. 102.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

de verdade e precisão, por muito tempo alimentados em torno da História, deveriam sempre ser questionados, uma vez que os historiadores conferiam uma interpretação a um dado acontecimento por meio da linguagem e da seleção e análise de determinados documentos históricos, os quais já contavam com outras camadas de interpretação específicas. Ao aproximar ficção e História, o estudioso aponta para a mutabilidade do discurso histórico e como ele molda os eventos do passado em narrativas que dizem respeito a uma determinada visão de mundo. Essa visão suscita inúmeros debates sobre as especificidades dos dois campos, que continuam a se desdobrar em novas visões sobre cada uma dessas esferas e, sobretudo, nos estudos de obras literárias tidas como contemporâneas, quando a interdisciplinaridade se acentua, borrando as fronteiras entre real e ficcional. Em especial a partir da segunda metade do século XX, novas obras literárias fazem dialogar com a História e Literatura, alinhadas à essas novas percepções da História. Tendo em vista a problematização de White, a Literatura pode vir a desempenhar importante papel na ressignificação e na (re)construção das narrativas do passado, especialmente aquelas que não tiveram espaço na historiografia tradicional.⁷

Nesse sentido, a Literatura preencheria e alcançaria lacunas que a História não conseguiria alcançar, porque esta tem um compromisso com a verdade e ampliação de perspectivas do passado. Em outros termos, o historiador propõe uma leitura do passado, de modo que os acontecimentos sobre os quais se debruça não são fruto de uma criação estritamente subjetiva, mas sim de evidências, documentos e outras marcas concretas de suas ocorrências. Ele tem, portanto, certas tarefas a cumprir, como aponta a pesquisadora Sandra Pesavento⁸, que se guiam por uma “vontade de chegar lá”, no passado, construindo versões possíveis e plausíveis do que já aconteceu. Além disso, nesse recontar, a História dispõe de instrumentos e dispositivos discursivos — como a Política e a Educação — que sustentam e legitimam essa leitura do passado, de modo diverso à apreensão do passado que é feita pela Literatura. Esta, por outro lado, parte de outro lugar, agrega também a criação e a estética se propondo a revisar, criticar e (re)construir questões do passado. É um acesso diferenciado ao imaginário de um determinado tempo, uma vez que conta com o recurso da liberdade de criação. Esse é o caso do romance aqui analisado na forma como o entendemos. Ao partir de um acontecimento do passado colonial brasileiro, o romance *O som do rugido da onça* caminha nas brechas da História para subverter interpretações engessadas, parodiar símbolos do

⁷ WHITE, 2001.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, [S. l.], 28 jan. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 2 jan.. 2023. p. 12.

imaginário nacional, deslocar figuras lendárias e míticas, além de (re)criar partindo do que foi esquecido ou suprimido. É interessante observar como esse debate surge também no livro a partir de diversos elementos. Aqui trazemos como exemplo o trecho em que, logo no capítulo II, o narrador anuncia que ali, naquelas páginas, não é a voz de Iñe-e, porém, uma concessão para que ela fale, conte, sem tolerância e eufemismos.

Empresta-se para Iñe-e essa voz e essa língua, e mesmo essas letras, todas muito bem-arrumadas, dispostas uma atrás das outras, como um colar de formigas pelo chão, porque agora esse é o único meio disponível. O mais eficiente. E embora ela, essa língua, seja áspera, perfurante, há alguma liberdade sobre como pode ser utilizada, porque houve muito custo em apreendê-la. [...] Ademais, usa-se essa voz e essa linha porque é com ela que se faz possível ferir melhor.⁹

O narrador segue alertando o leitor a respeito desse empréstimo, tendo o cuidado de conferir uma distância da personagem, ao mesmo tempo que pede licença para se aproximar, revirar feridas e partilhar sua história:

Essa é a voz do morto, na língua do morto, nas letras do morto. Tudo eivado de imperfeição, é verdade, mas o que posso fazer senão contar, entre as rachaduras, esta história? Feito planta que rompe a dureza do tijolo, suas raízes caminhando pelo escuro, a força de suas folhas impondo nova paisagem, esta história procura o sol.¹⁰

Desse modo, a própria narrativa pensa sobre quem será a protagonista dessa história a ser contada, apontando para o próprio enquadramento da linguagem a ser usada, ao mesmo tempo que aponta suas possibilidades de subversão, pelo campo do ficcional, como podemos pensar também a partir das discussões expostas. Essa introdução mostra também uma narrativa consciente do seu estatuto de seleção, mas que tem um intuito claro de, como é dito, ceder espaço para essas crianças se expressarem de algum modo.

2 Relações coloniais, leituras de resistência

Como apresentado brevemente na introdução, o episódio central do livro de Micheline Verunschik relata o fato de que, dentro do arsenal de diferentes elementos que eram saqueados do continente americano para a Europa, foi sequestrado um grupo de oito indígenas, sendo que somente duas dessas crianças conseguiram sobreviver a viagem e chegar até o destino final,

⁹ VERUNSCHK, Micheline. **O som do rugido da onça**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 14.

¹⁰ VERUNSCHK, 2021, p. 14.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

Munique, na Alemanha. “A travessia do mar para os prisioneiros era uma coisa totalmente diferente do que era para os cientistas... Gritos aflitos pareciam ecoar nos trovões que despencavam bolas impossíveis de fogo e água sobre a embarcação. Adoeciam. Passavam fome e sede”¹¹. Sobre o fatídico dia em que foi levada, a personagem raptada, Iñe-e, conta do acordo que seu pai firmou com o viajante estrangeiro, sendo entregue como um presente e juntando aos outros sete vendidos ao alemão Martius. Os indígenas levados pertenciam às etnias distintas e os que sobreviveram até a chegada na Europa foram apenas a menina narradora, que recebeu o nome de Isabella Miranha, e o menino, que foi chamado de Johannes Juri, assim ficaram conhecidos na historiografia oficial, “os brasis”, como aponta o narrador do romance. A mudança de seus nomes indígenas para nomes cristãos, após um ritual alheio a suas vivências espirituais, como era o batismo, é uma clara demonstração dos violentos apagamentos que sofreram os povos originários.

Isabella e Johann são os nomes escolhidos para a nova vida que os brancos pensam dar a Iñe-e e ao menino Juri sob os desígnios do rei, que, a propósito, se chama Maximiliano I da Baviera. É curioso pensar que a um rei se possa destronar, guilhotinar ou até executar ante a salva de fuzis, mas que seu nome composto de vários outros nomes, em uma teia labiríntica de antecedentes, será sempre uma marca do privilégio que recebeu ainda em berço. Isso, claro, se for um rei branco.¹²

Ao dar nomes indígenas a essas duas crianças sobreviventes, Iñe-e e Caracara-í¹³, que chegaram até as terras alemães, a narrativa faz frente aos registros oficiais e às imposições dos colonizadores. O romance resiste, nesse sentido, junto aos fragmentos das memórias dessas crianças.

A Literatura de Viagem produzida pelos viajantes Spix e Martius estava em sintonia com a vanguarda de seu tempo. Eles desejavam conhecer a natureza local, estudar sobre os povos, suas culturas, suas capacidades linguísticas e cognitivas e, entre outras curiosidades, saber como eram esses indivíduos chamados de selvagens. Guiados por essa visão colonial, a qual moldava a visão de história daquele tempo, eles utilizavam-se da premissa de que estariam levando civilização a essas comunidades bárbaras e, desse modo, praticando uma ação salvadora. Para tanto, desconsideravam que os indígenas tinham uma cultura e uma organização social próprias, separando-os da terra e da natureza, e, nesse sentido, promovendo uma morte

¹¹ VERUNSCHK, 2021, p. 41.

¹² VERUNSCHK, 2021, p.73.

¹³ Nome revelado somente no momento em que são narrados seus últimos dias de vida. Iñe-e, ao que indica o livro, apenas o conhecera pela sua etnia, Juri, o menino Juri, ao qual se irmanara em silêncio diante da situação desoladora em que viviam.

em vida, já que esses sujeitos entendiam esses espaços em uma relação de continuidade e parentesco diversa do pensamento ocidentalizado europeu.

Ao chegarem à América Portuguesa, Spix e Martius pouco ou quase nada conheciam sobre os povos americanos. Esses acadêmicos, como cientistas educados nas luzes do Iluminismo, conheciam o *homem americano* a partir dos filtros oferecidos pelas teorias de Carl von Linné e do conde Buffon. Mas, como alemães, seus olhares estavam guiados mais diretamente pelas formulações dadas por Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) e, principalmente, por Immanuel Kant (1724-1804), através das quais se reafirmava uma pretensa superioridade dos europeus frente a outros povos qualificados de *selvagens*, como o homem americano. Essa questão torna-se visível nas páginas da narrativa que Spix e Martius publicaram entre 1823-1831 com o título *de Reise in Brasilien (Viagem pelo Brasil)*, na qual descrevem os resultados de sua viagem.¹⁴

Assim, na mentalidade vigente da época, caberia ao europeu branco a complexa tarefa de viajar por terras distantes para espalhar a civilização, levando luz para onde só havia escuridão. Esse entendimento consolida-se a partir das expedições marítimas, de exploração de terras distantes. No final do século XV, e já no século XVI, os europeus implantam na América um sistema colonial de dominação, com uma estrutura de poder baseada em uma perspectiva étnica, racial e antropológica. Este sistema impõe a cultura europeia como o centro, racional e civilizada, enquanto as culturas não europeias seriam vistas como o oposto disso, devendo ser transformadas em prol de um caminho de evolução e civilização. Assim, entendemos que o colonialismo implantado na América colocou os povos colonizados em uma condição de subcultura, demonstrando que o tempo na América foi vivenciado de forma violenta e fragmentada.

Em relação aos estudos teóricos que analisaram criticamente esse período, adotamos aqui leituras que procuram romper com esse eurocentrismo, bem como com uma narrativa universalizante e homogênea. Acreditamos que é isso que faz criativamente a autora Micheline Verunschik no seu romance. Caminhando nessa mesma perspectiva, só que do ponto de vista teórico, temos, no século XX, na América Latina, vários debates sobre a história do continente americano. Essas novas abordagens, seguindo o que comentamos sobre novas visões a respeito da História, apontam para uma época de reconfigurações da dependência da visão eurocêntrica, sobretudo no que concerne às relações entre as nações centrais e as periféricas, fortalecendo-se a abordagem decolonial, situada nesses outros espaços e visões.

¹⁴ COSTA, Maria de Fátima. Os “meninos índios” que Spix e Martius levaram a Munique. *Artelogie*, [S. l.], n. 14, jan. 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/artelogie/3774>. Acesso em: 15 maio 2023. p. 3. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 216 – 235, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

O conceito de eurocentrismo, segundo Dussel¹⁵ e Quijano¹⁶, trata de uma atitude colonial em relação ao conhecimento, colocando a Europa como centro do mundo e protagonista da história do homem, e esse é um dos pontos de partida para a reflexão dos intelectuais que fomentaram o pensamento decolonial. Estes pensam o eurocentrismo como um elemento da razão iluminista que tratou de criar um pensamento para o mundo a partir de um certo universalismo, com suposições civilizatórias, gerando um encobrimento das formas de sociedade já existentes. Assim, esses pesquisadores buscam reler e refletir a História a partir de suas realidades, de modo crítico, ampliando os debates sobre o colonialismo e seus impactos no presente.

Com os estudos desenvolvidos pelo historiador Aníbal Quijano sobre a colonialidade, vários trabalhos passaram a ser articulados na tentativa de rediscutir problemáticas histórico-sociais no âmbito das ciências sociais da América Latina, somando-se aos estudos da pós-colonialidade, que já apontavam para as relações assimétricas entre países e continentes, discutindo questões de raça, gênero e classe, procurando caminhos metodológicos e de análise que desviassem do mesmo olhar eurocentrado, pautado por visões restritas de cânone e tradição literária. Sendo assim, um dos pontos centrais da perspectiva decolonial — da qual Quijano é representante — seria à revisitação da questão do poder na modernidade com enfoque na localização de suas origens em relação à conquista da América e ao domínio europeu¹⁷. Entendemos que o romance de Verunschik vai ensejar uma série de reflexões a respeito dessas discussões, mostrando, a partir do trabalho com a História, a memória e o ficcional; as feridas abertas do período de colonização do Brasil.

Os documentos dessas “glórias” da época, na leitura de hoje, pelo olhar decolonial e pós-colonial, viram documentos que flagram uma visão de mundo. A respeito disso, para Quijano, o colonialismo e a colonialidade são dois conceitos relacionados, mas distintos. O primeiro refere-se a um padrão de dominação e exploração, e o segundo a uma lógica que sustenta essa padronização de ações.

O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto, a colonialidade provou ser nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem

¹⁵ DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁶ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Eduardo (Org.). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo, e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clasco, 2005.

¹⁷ QUIJANO, 2005.

ele não teria podido ser imposta à intersubjetividade de modo tão enraizado e prolongado.¹⁸

Walter Mignolo, também intelectual alinhado aos estudos decoloniais, complementa essa visão ao afirmar que a colonialidade é intrínseca ao projeto de modernidade veiculado no período de navegações e exploração de outros territórios: “A colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada”¹⁹. Desse modo, essa lógica de hierarquização de corpos, culturas, territórios subjaz a retórica moderna da época, e continua se reinventando e se perpetuando até o presente. Quijano²⁰, com quem Mignolo dialoga bastante, ressalta o grande enraizamento dessa mentalidade em diferentes contextos e esferas da sociedade, tendo em vista que ela é indissociável do projeto moderno que consolida a Europa no centro e traça várias das relações geopolíticas que perduram na contemporaneidade.

Esse poder que os brancos europeus exerceram sobre os colonizados, não-brancos, é observado e refletido na obra *O som do rugido da onça*, expondo as diversas violências entrelaçadas com a colonialidade, como o descaso com o meio ambiente e o genocídio de diversos povos, e ressignificando imagens do passado. Segundo a autora Sandra Pesavento, “as representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade”²¹. Desse modo, há ainda imagens e discursos circulando que se ancoram nessa mesma mentalidade colonial. No caso do livro aqui discutido, a narrativa aponta para esse poder do registro que repousava nas mãos dos exploradores alemães. Eles podiam, e assim o fizeram, moldar os acontecimentos a partir do modo que enxergavam o mundo e guiados por interesses particulares e políticos.

Martius escreve, coloca Iñe-e como prisioneira dos miranhas. Parece-lhe amoral, ao tomar essa decisão diante da folha em branco, o fato de ter aceitado como presente a filha de um tuxaua. Parece-lhe melhor pintar o chefe como um demônio. Como não seria se oferecia a filha a um desconhecido? Palavras podem ser animais dóceis.²²

Diante das deturpações dos registros de Martius, de que salvou as pobres crianças, o narrador denuncia: “Martius esquece o que escreveu. Ou não esquece, mas quer esquecer. Deliberadamente rasura. E a rasura também é um método”²³. A autora Mary Louise Pratt

¹⁸ QUIJANO, 2005, p.93.

¹⁹ MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte da modernidade. In: LANDER, Eduardo (Org.). **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo, e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clasco, 2005.p. 52-80. p. 75.

²⁰ QUIJANO, 2005.

²¹ PESAVENTO, 2008, p. 41.

²² VERUNSCHK, 2021, p. 34.

²³ VERUNSCHK, 2021, p. 36.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

escreveu sobre esses temas no livro *Os Olhos do Império*²⁴, quando analisa muitos relatos de viagem, focando principalmente nas visões de mundo reveladas através desses escritos de viajantes europeus a partir da metade do século XVIII. Nesses documentos, os colonizados e suas culturas são descritos pelos olhos dos exploradores, que constroem, na maioria das vezes, imagens negativas desses povos. Dessa documentação oficial se consolidaram ainda mais as segregações de raça, de gênero e de classe, alargando as desigualdades na interseção dessas categorias e configurando um mapa de regiões centrais e periféricas. Nesse sentido, a obra de Pratt é fundamental para entender a reavaliação dos processos de constituição de um repertório de imagens, a fim de contextualizá-las e humanizá-las, trazendo outras percepções sobre os povos originários.

Micheliny Verunsky, em *O som do rugido da onça*, vai mobilizar esse arquivo de imagens, trazendo novas perspectivas sobre elas e produzindo outras, que recuperam a riqueza dos saberes dos povos originários e a importância de se reconectar com as origens, como é o caso da personagem Josefa, e conhecer e refletir sobre o passado. Saber da história de Iñe-e implica se reconectar com sua história. Além disso, a força e a resistência dos povos indígenas, bem como de outras minorias do país, também são evidenciadas, sendo citado até casos recentes dessa luta, como é o caso da menção ao líder indígena Raoni, e os impactos ambientais da implantação de usina hidrelétrica de Belmonte, e o assassinato da vereadora carioca, uma mulher negra, Marielle Franco.

Esse entrelaçamento de lutas pode ser visto no livro também. Como já apontado, Iñe-e, a menina do povo Miranha, e Caracara-í, o menino do povo Juri, foram os únicos das oitos crianças sequestradas que sobreviveram à viagem transoceânica. No livro, a irmandade entre eles é estabelecida entre olhares e silêncios, pois são oriundos de etnias diferentes e inimigas, mas, ao se depararem sozinhos em um lugar distante, depois de tudo o que passaram durante a viagem, acabam se vendo como irmãos, partilhando do mesmo destino “Estavam todos amedrontados, cansados, confusos”²⁵. Essas novas redes de apoio apontam também para as lutas do presente, pois esta aglutina uma diversidade grande de povos, línguas e culturas. É uma forma da autora não homogeneizar a figura do índio no seu livro como uma categoria pasteurizada, blocada, mas sim um recorte focado sobretudo no povo Miranha e na sua visão de mundo. A menina Iñe-e foi dada de presente ao botânico Martius, antes mesmo de “receber

²⁴ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

²⁵ VERUNSCHK, 2021, p. 28.

a palavra”, ritual que lhe permitia outras vivências na sua tribo²⁶. O menino Juri, por sua vez, era considerado grande guerreiro entre os seus. Além dessa ruptura com o espaço a que pertenciam, com os sons, a natureza, o traslado até a nova terra foi atravessado por medo e morte, como conta Iñe-e.

Os bichos foram os primeiros a morrer. Em seguida, as crianças. O caminho do mar transformado em uma vala comum e inconstante. Crianças e bichos, todos tombados na água sem nenhum ritual, como duas tábuas de madeira despencadas em um túmulo semovente. Longe de suas famílias, nunca encontrariam o caminho para qualquer terra sem males onde pudessem se reunir com seus ancestrais...E uma a uma as crianças foram falecendo, até que sobrassem de pé apenas ela e o menino Juri.²⁷

Era comum essas trocas e negociações entre líderes indígenas e colonizadores brancos, sendo crianças órfãs e capturadas em guerras usadas como moedas de troca. Também era comum a prática entre os exploradores de levarem para suas terras inúmeros itens da fauna e da flora, juntamente com escravizados, como foi o caso de Iñe-e e Juri. Os europeus entendiam esse gesto como uma atitude nobre de salvação.

Vale observar que, nos séculos XVIII e XIX, levar indivíduos da população local no retorno da viagem à Europa era um procedimento comum entre aqueles que realizavam expedições científicas de caráter naturalista. [...] Esse hábito também foi recorrente dentre aqueles que visitaram as terras brasileiras no século XIX. Sabemos, entre outros, do jovem botocudo de nome Huêk, que o príncipe Maximiliano de Wied Neuwied, que esteve no Brasil entre 1815 – 1817, levou consigo no seu retorno, e de um rapaz Apinajé chamado de Katana, que Francis de Castelnau, por sua vez, levou à França. Surpreende, contudo, que Spix e Martius, ao embarcarem no Pará, tenham levado não um, mas quatro índios, entre meninos e meninas.²⁸

Foi a partir desse pensamento que as duas crianças foram sequestradas, arrancadas de suas terras e silenciadas. Ao reabrir essa ferida, que ainda sangra no nosso presente, o romance instaura novas formas de pensar sobre esse passado violento que nos atravessa. Analisando esse episódio do sequestro das crianças indígenas, um retrato da barbárie colonial, encontramos também, nas palavras da autora, uma descrição da cosmovisão dos povos Miranha, reforçando as diferentes percepções de mundo desviando da lógica ocidentalizada de pensar tempo, espaço e existência.:

²⁶ “Quem não tem a palavra está morto, foi o que Iñe-e e os outros aprenderam. Os mais velhos mascavam a palavra nas folhas de hiibii, a coca, e os mais jovens esperavam que chegasse a sua vez de mascá-la e receber a linguagem do sumo das folhas” (Verunsch, 2021, p. 27). Para Iñe-e e os seus, a palavra era o elemento importante para “ser gente”, diferente dos outros bichos, que tinham outra palavra.

²⁷ VERUNSCHK, 2021, p. 42.

²⁸ COSTA, 2019, p. 7.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

Quando Niimué criou o mundo, o fez a partir de seu próprio corpo. O mundo é esse ser gigante que mal distinguimos se estamos distraídos, mas que se apurarmos a vista encontraremos em seus detalhes. Há uma elegância no mundo por vezes desapercibida na pressa com que as pessoas vão se acostumando a viver [...].²⁹

Observamos que o trecho acima aponta para outra narrativa de concepção do mundo; um mundo de “sexo instável”, de “aparência instável”, mas de olhos sempre flamejantes — “faíscas multicoloridas”³⁰. Essa ideia cíclica, de mutações, bem como de respeito e prestação de contas com essa natureza, que é casa, corpo e memória, era uma visão completamente diferente daquela dos viajantes da época, os quais se guiavam por ideologias cristãs e eurocêntricas, pela ambição daqueles empreendimentos em águas e terras desconhecidas. Como é apontado no livro, Spix e Martius muitas vezes se convencem de uma justificativa científica para seus atos, acreditando que eles “estavam fazendo história”. Tal retórica, no entanto, oculta o lado violento e cruel desses saques, desumanizando os indígenas levados. Além disso, há uma deslegitimação dessas outras narrativas do mundo, sequer consideradas frente a uma ideia hegemônica a respeito da vida, da espiritualidade e da relação entre os seres e entre eles e os ambientes em que vivem. Nesse aspecto, essa mesma postura pode ser vista atualmente, o que aproxima o livro de Verunschck dos enfrentamentos do presente, como as lutas em torno da preservação da natureza, a defesa dos territórios indígenas diante das ameaças do agronegócio, o debate sobre a memória e seus usos políticos etc.

3 Debates em torno da memória

Diante das relações entre História e Literatura suscitadas pelo romance de Verunschck, bem como dos debates das perspectivas pós-coloniais e decoloniais, é inevitável pensar também sobre as discussões a respeito da memória. Esta é matéria-prima para ambos os campos de saber, sendo investigada, como vimos, a partir de diferentes interesses e grades teóricas. Uma vez que o livro caminha por essas fronteiras, a memória emerge como ponto fundamental, sobretudo porque são acessadas diversas delas a partir de documentos históricos que permearam a construção do livro, como foi apontado pela autora. Além disso, é mobilizada uma discussão em torno da memória pública do período colonial brasileiro, expondo suas violências e desconstruindo ideias ainda vigentes de uma “irmandade de povos”.

²⁹ VERUNSCHK, 2021, p.7-8.

³⁰ VERUNSCHK, 2021, p. 8.

O sociólogo Maurice Halbwachs vai discutir a dimensão coletiva do lembrar e do esquecer. Nesse sentido, é importante frisar que, para o autor, a memória emerge de um convívio num dado grupo, considerando que dentro deste há vários subgrupos que se relacionam entre si em vínculos mais ou menos próximos.

Diríamos voluntariamente que **cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva**, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.³¹

Nesse sentido, Halbwachs discute como aquilo que lembramos parte dessas interações entre os grupos sociais em seus diferentes meios, assim como aquilo que esquecemos se relacionada com o afastamento desses lugares e desse convívio. Ao trazer essa perspectiva sobre a memória, o teórico aponta também para sua dimensão política, pois ainda que a memória individual seja elemento importante para se situar e encontrar meios de construir uma narrativa sobre si próprio, ela está indissociavelmente ligada à sociedade em que o sujeito está inserido³². Sendo assim, uma sociedade que não procura conhecer sua história e preservar as memórias que a atravessam, promove uma série de apagamentos em torno de sua história. A narrativa de Verunschik vai justamente propor esse exercício de conhecer para lembrar, tomando como eixo principal a reconstrução da história de Iñe-e, como foi apontado. Além da voz emprestada a Iñe-e, ponto de partida da história, a personagem Josefa é importante elo entre tempos, uma vez que se situa num presente próximo — século XXI —, simbolizando esse olhar do agora que vai acessar a história das crianças sequestradas e, com isso, repensar sua história. Como dito, Josefa se depara com as imagens dos dois indígenas — Iñe-e e Juri — no espaço do museu, onde lhe chama atenção o modo como o texto curatorial apresenta as crianças: “Os índios vistos como parte da fauna: o texto da parede em letras graúdas a atinge como um soco”³³. Essa experiência a inquieta, “sente, de repente, uma opressão no peito”³⁴; e a mobiliza a pensar sobre o modo como as pessoas ao seu redor lhe enxergam, uma vez que ao longo da vida suas origens indígenas foram um fardo.

Josefa é uma mulher que fugiu. Em todo lugar do mundo, em qualquer tempo, há uma mulher fugindo. Quando uma mulher foge, invariavelmente foge de sua história, de um passado incômodo que se materializa numa relação abusiva, ou de uma vida que se afigura mesquinha ou limitante, ou ecos de algum fracasso, ou de uma vida que não soube ou não pôde reinventar. Josefa

³¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999. p. 51, grifos nossos.

³² HALBWACHS, 1990.

³³ VERUNSCHK, 2021, p. 89.

³⁴ VERUNSCHK, 2021, p. 88.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

não sabe exatamente do que fugiu. Ou não quer saber, Mora há três anos na metrópole e, desde sua chegada, segue operando estratégias de apagamento da própria identidade.³⁵

A história de Josefa é entrecortada pelas outras vozes que vão compondo o romance. Entre tempos e espaços, observamos a história da morte de Iñe-e, ao mesmo tempo que a vemos, de certa forma, atualizada e ressignificada nas reflexões de Josefa sobre si mesma. É na exposição que mais peças do passado desta personagem vêm à tona, e sua fuga ganha novas camadas. Nascida no Belém do Pará, ela muda-se para São Paulo, buscando silenciar incômodos do passado. Ela é fruto de uma relação de homem branco, de origens colombianas, com uma mulher não branca, de origens indígenas, que morre no parto. Cresce cuidada pela família paterna, branca, sobretudo por sua avó paterna, sendo chamada por uma tia de “bugra”, como uma forma pejorativa de referir-se a sua ancestralidade e associá-la a um comportamento “selvagem”. Todos os seus “comportamentos desviantes” são associados a esse lado materno indígena, recebendo visitas esporádicas de um pai que pouco lhe oferece afeto. Desse modo, há uma identificação das duas personagens pelo viés do gênero e de suas origens, são mulheres indígenas.

O autor Pierre Nora, em seu trabalho intitulado *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, reflete sobre a necessidade de escolher e selecionar lugares onde seja possível “depositar” memórias. Estes podem nos interpelar a partir dos mais diversos itens. Como ele diz, ela opera no presente, “um elo vivido no eterno presente” e ela “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”³⁶. As gravuras vistas deslocam Josefa para o seu passado e a fazem lembrar do havia momentaneamente esquecido, ou suprimido, longe dos seus, alinhando-se com o que diz Halbwachs: “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam”³⁷. Ao contar para seu parceiro sobre a identificação que sentiu com Iñe-e, ela diz: “Ela está triste. E não é livre”³⁸. Desse modo, a personagem passa a ser acompanhada por esse outro rosto, no qual ela se vê refletida também, elaborando traumas do seu passado e reescrevendo sua história. A sua viagem é, então, externa e interna ao mesmo tempo. Do museu e a partir das suas interrogações, Josefa se reconcilia com seu passado e se entende nesse lugar tenso das suas origens. Ela chega a ir até Munique, escavando mais detalhes a respeito do sequestro das crianças indígenas, em paralelo a sua

³⁵ VERUNSCHK, 2021, p. 88.

³⁶ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. **Proj. Histórias**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 25 maio 2023. p. 9.

³⁷ HALBWACHS, 1990, p. 38.

³⁸ VERUNSCHK, 2021, p. 99.

jornada de autoconhecimento. Essa reconstrução emula, em parte, o gesto da escritora, e Josefa honra também o que narrador pontua no início do livro — de certa forma, dar voz à Iñe-e e, assim, com ela, e os seus, resistir. Ao final da obra, a personagem, com uma cópia das litografias em mãos, pensa em ir até o rio Japurá, no Amazonas, para oferecer às crianças um “descanso simbólico”, diverso daquele enterro em meio a estranhos, numa terra gélida, longe da casa deles.

De acordo com o que discutimos até aqui, observamos que *O som do rugido da onça* mobiliza uma série de vozes no trabalho de reconstrução da história de Iñe-a, mostrando não só seu ponto de vista, mas de outros personagens, alargando os pontos de vista a respeito do sequestro, da história nacional e das relações coloniais entre países à época da chegada dos viajantes. Além dessas vozes, no livro são trazidas outras fontes, arquivos históricos, como contraposição, opondo o que a História oficial — escrita por aqueles que tinham o privilégio de o fazer — registrava e o que outras formas de percepção da realidade e de narrar o passado dizem. Um desses documentos é o conjunto de relatos produzidos por Spix e Martius. O fragmento, trazido como citação, mostra a forma como esses cientistas alemães olhavam os indígenas brasileiros como inferiores, pautados na lógica colonial, justificando muitas de suas ações em prol de uma “ciência” que também era alinhada com os valores eurocêntricos de dominação. Aqueles povos são, então, inscritos no lugar do outro, desumanizados, animalizados, tendo toda sua cultura deslegitimizada face a uma única visão hegemônica, universalizante, da mentalidade ocidental. Trazemos apenas um trecho para ilustrar tal visão:

Estranhos a todo sentimento de deferência, gratidão, amizade, humildade, ambição, e, em geral, a todas as emoções delicadas e nobres, que distinguem a sociedade humana; insensíveis, taciturnos, imersos no mais absoluto indiferentismo por tudo |Spix, Martius, 1823|. ³⁹

Esses dois viajantes alemães chegaram ao Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1817, após a abertura dos portos às nações amigas, em 1808. Spix e Martius, viajaram por três anos pelo interior do Brasil, percorrendo várias regiões e produziram vários registros. O trecho acima faz pensar no impacto das narrativas de viagem na construção de imagens do continente latino-americano. A pesquisadora Ana Maria de Moraes Belluzzo vai dizer que essas visualidades que emergem dos registros históricos estão na base de um discurso de superioridade europeia frente a outros continentes. “As imagens elaboradas pelos viajantes participam da construção da identidade europeia. Apontam os modos como as culturas se olham

³⁹ VERUNSCHK, 2021, p. 46.

LEMBRAR, CRIAR E RESISTIR: UMA ANÁLISE DE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA* DE MICHELINY VERUNSCHK

e olham as outras, como imaginam semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o outro”⁴⁰. No livro de Micheliny Verunschck há justamente o retrato desse olhar exótico que os colonizadores lançavam sobre os indígenas, mobilizando uma justificativa científica que à época somente embasava a prática colonial. Ela retrata ainda certas divergências entre os cientistas, bem como uma modulação dos escritos, que buscam distorcer os fatos em prol de uma visão positiva para os europeus e os viajantes. Isso é interessante, pois não adota extremos de bem e mal, mas expõe contradições, visões de superioridade e de desumanização frente a uma missão “civilizatória” e/ou “científica”.

232

A intenção era de que a Europa pudesse admirar aquele deslumbre de vida que há muito perdera. A Europa era muito velha, reumática, quiçá sofrendo alguma moléstia cancerosa. E aquilo que os cientistas traziam consigo era uma promessa, uma fonte de juventude, novíssima pedra filosofal. Quando Martius comprara as crianças não pensara nos escrúpulos de Spix, que desaprovava a ideia com uma frase ríspida: Não somos traficantes. Pensara que para a ciência toda consciência deveria ser relativa.⁴¹

As relações que se estabeleceram foram de exploração e de poder, sempre na tentativa de um encobrimento da outra cultura — a cultura dos povos autóctones. Assim, entendemos que o que aconteceu no continente americano, segundo o autor Roland Walter, foi um processo de exploração de povos e devastação territórios.

Nas Américas a brutalização das pessoas é ligada à brutalização do espaço e estas brutalizações são enraizadas no passado: o genocídio de tribos indígenas, a escravidão e o sistema de plantação e várias formas de exploração da natureza, entre outros, caracterizam as diferentes fases e processos da colonização e ainda continuam ter um impacto sobre o pensamento e o agir das pessoas não somente em termos de como as pessoas se relacionam e tratam os diversos outros (penso, por exemplo, no racismo e no sexismo em suas formas tanto ideológicas quanto instituídas), mas como as imagens destes eventos traumáticos perseguem os pensamentos e agenciamentos.⁴²

Segundo a citação acima, entendemos que as violências ocorridas durante o período da colonização na América deixaram várias marcas, e que essa brutalização é sentida até os dias atuais, sobretudo pelos povos indígenas. Isso, principalmente, porque a América cumpriu um papel importante na elaboração das teorias políticas e culturais nesses períodos, reforçando essa

⁴⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**: vol. 2, Um Lugar no Universo. Fundação Odebrecht. São Paulo: Metalivros, 1994. p. 13.

⁴¹ VERUNSCHK, 2021, p. 49.

⁴² WALTER, Roland. Multi-Trans-Intercultura: Literatura, Teoria Pós-Colonial e Ecocrítica. In: SEYCIAS, João (Org.). **Repensando a Teoria Literária Contemporânea**. 1 ed. Recife: EdUFPE, 2015. p. 605-659. p. 617. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 216 – 235, agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

hierarquia entre norte e sul, Europa e América, cristãos e pagãos, brancos e não-brancos. A esse respeito, é válido destacar o que o autor Alfredo Cordiviola aponta:

As interpretações surgidas a partir de posições hegemônicas partilham uma mesma fixação pelo passado, e estão de certa forma obrigadas a ignorar a diversidade para construir um todo homogêneo que poderá receber, dependendo da versão, uma carga negativa ou positiva. [...] Essa América que foi esmagada, e essa América que é sufocada pelas adversas condições climáticas e pelas insalubridades típicas das zonas tórridas, é sempre outra coisa: uma projeção, um fantasma distante e serve apenas como reverso ou contraponto opaco do real, desse real que se almeja fundar no passado ilustrado⁴³.

Como discute o pesquisador, a fixação pelo passado é marcada por um certo modo de narrá-lo, colocando-o num lugar estático e até mesmo mítico de construção de identidades nacionais. Nessa perspectiva, *O som do rugido da onça* (2021) funciona como uma reativação da nossa memória coletiva, ou até mesmo um contato mais aprofundado — já que muitos podem desconhecer o episódio retratado —, ao nos fazer refletir e lembrar das nossas origens. Na abertura do livro, o narrador discute como a rasura pode ser um método, como registra Martius nos livros que virão compor o que ele entende por História. Porém, há sempre as entrelinhas, brechas deixadas, movimentos de escavação e reverberação de outras vozes.

Expurgar, desviar, eliminar a variação torna-se um hábito para quem escreve ou reescreve a história, especialmente a história dos outros, mas toda raspagem ou borrão, toda nuvem de breu que cobre o desenho ou o primeiro escrito deixa sua marca, seus vestígios. Dizem que a onça não tem faro igual ao de cachorro. Mas onça fareja a seu modo. Descobre resquício de passagem de presa. A presa é, em geral, inepta para encobrir o próprio rastro.⁴⁴

Nesse rastro pelo qual caminha o narrador, a história é recontada, apresentando uma constelação de outros personagens, até então relegados ao silêncio. A metáfora da onça, que remete também à cosmovisão Miranha, sintetiza esse movimento e essa abertura. É o rugir da onça, que acompanha as crianças, um grito que ressoa de uma outra forma nessas páginas. Além disso, a obra faz pensar sobre os usos políticos da memória, isto é, quais nomes são glorificados, o que elegemos como monumento e prêmios, em que está pautado o fazer científico, qual história se impõe sobre as demais, sem que outras versões possam ser acessadas. Tudo isso é mobilizado de modo rico e contundente, além de costurar vozes de modo poético e crítico.

⁴³ CORDIVIOLA, Alfredo. **O império dos antagonismos**: escrita e imagem no caso da dominação espanhola na América. Recife: PPGL/ Editora Universitária UFPE, 2010. p. 10-11.

⁴⁴ VERUNSCHK, 2021, p. 33.

4 Considerações Finais

A narrativa de Verunschck é rica de elementos a serem analisados, como procuramos mostrar brevemente neste artigo. Procuramos destacar as relações entre História, Literatura e memória, ressaltando o modo como a obra nos faz pensar sobre o nosso passado e a nossa história. Observamos também como são expostas e discutidas as relações coloniais e suas assimetrias e como elas perduram até hoje. Os apagamentos promovidos pelos colonizadores e pelos viajantes e seus registros aconteceram em diversos níveis e são só um exemplo da violência que é marca do período colonial brasileiro contrariando uma ideia romantizada de miscigenação que celebra o encontro dos povos e que foi difundida por muito tempo na historiografia oficial. Conforme discutido, durante todo o tempo em que estiveram no Brasil, Spix e Martius só pensavam em explorar, colonizar e civilizar.

Desse modo, eles acreditavam que estavam fazendo um bem para a humanidade e para os povos indígenas. Não havia nenhum olhar para a natureza, para os indígenas enquanto povo, com uma organização social legítima, e sim um encobrimento de uma outra cultura e uma exploração colonial. Sendo assim, é necessário fazer uma reflexão sobre a ideia de humanidade que foi sendo construída ao longo dos anos, levando em consideração que a ideia de civilização esteve alinhada a atrocidades, como a colonização. É isso que reflete o autor indígena e ativista Ailton Krenak, no ensaio *Ideias para adiar o fim do mundo*, quando diz que: “As ideias de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível”⁴⁵.

Assim, a narrativa nos faz pensar sobre ideias de projetos civilizatórios, o convívio com as diferenças, bem como a importância da preservação da memória. Além disso, ao nos apresentar essas outras visões e versões do passado, somos levados a pensar no modo como vivemos hoje, e quais caminhos queremos trilhar como uma coletividade. Krenak discute a respeito disso e debate sobre os impactos das ações que causamos ao planeta pautados numa visão de que somos seres apartados da natureza. O pensador defende, então, que a estrutura da sociedade moderna está baseada nos conceitos de dominação e exploração insustentável da natureza e que todas essas ações colocam em risco a pluralidade de culturas de comunidades tradicionais que têm a compreensão da vida atrelada à natureza. Sendo assim, ele se pergunta:

⁴⁵ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 11. *Humana Res*, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 216 – 235, agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

“como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que tinha como propósito acabar com o seu mundo?”⁴⁶ A resposta para Krenak é que as comunidades tradicionais vivenciam o fim do mundo diariamente, tentando resistir e existir. Situação semelhante a que viveram Iñe-e e Juri, ao serem separados da natureza e terem suas vidas roubadas, sendo transportados como mercadorias e objeto de exibição. Eles começaram a morrer desde o dia em que viram Spix e Martius pela primeira vez e esse “encontro” marcou para sempre o destino deles. Ao final da obra são listados vários outros episódios — um redemoinho de manchetes, discursos imagens que enquadram os povos indígenas como um outro - de um presente mais próximo, que mostram como esses tempos não são tão distantes assim.

Dessa maneira, entendemos como é importante que a ficção recupere fatos históricos e traga à tona episódios como este, da nossa história nacional, que muitas vezes não conhecemos. Esse trabalho de conhecer para lembrar passa por um esforço coletivo, como é apontado por Halbwachs⁴⁷. A Literatura pode servir também para nos fazer pensar o quanto as violências coloniais continuam se perpetuando atualmente. Por fim, pode-se dizer que *O som do rugido da onça* (2021) reativa a memória coletiva e mostra como as feridas coloniais continuam abertas, o que se nota pelas lembranças dos personagens, com suas histórias marcadas pela violência que imperava. A ficção, dessa forma, passa a ser uma possibilidade de registro do homem na sua historicidade. E a Literatura é vista como uma das melhores formas de interpretar sensível e criticamente os tempos e espaços.

⁴⁶ KRENAK, 2020, p. 23.

⁴⁷ HALBWACHS, 1990.